

QUILOMBISMO ESCOLARIDADE E FORÇA – A ORALIDADE COMO FORMA DE RESISTÊNCIA ANCESTRAL

QUILOMBISM SCHOOLING AND STRENGTH - ORALITY AS A FORM OF ANCESTRAL RESISTANCE

Joelton Carneiro de Lima¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3340-9470>

joeltonlima2@yahoo.com.br

Resumo: As lutas cotidianas dos povos de matrizes africanas podem ser expressas por narrativas cotidianas. Essas mesmas narrativas encontram-se desde muito cedo nos bancos escolares. O presente artigo visa apresentar uma visão introdutória deste contexto. Caracterizar o processo que leva à necessidade da diferenciação entre uma educação conhecida por muitos como a educação formal, e a outra Quilombola, libertadora e ancestral que tem antes de tudo o poder de aprofundar raízes propiciando asas.

Palavras chave: Quilombos, Educação quilombola, formação de professores.

Abstract: The everyday struggles of peoples of African origins can be expressed by everyday narratives. These same narratives can be found very early in school benches. This article aims to present an introductory view of this context. To characterize the process that leads to the need to differentiate between an education known by many as formal education, and the other Quilombola, liberating and ancestral that has, above all, the power to deepen roots providing wings.

Keywords: teacher training, quilombos, quilombola education

INTRODUÇÃO

Quando os diferentes povos chegaram em terras africanas, para muito além de toda a fricção interétnica proposta por Lima (2018) em seu trabalho, propiciaram a extensão da tradição oral, o presente trabalho não objetiva deixar de lado tal traço de invasão, desterro e atrocidades. É evidente que o povo invasor deixou suas chagas oprimindo e violando africanos, tirando-os de suas terras e escravizando-os.

No texto A educação tradicional africana, Hampatê Bâ (2010) também discutiu sobre esse assunto informando que a invasão externa fez de tudo para sua superioridade europeia ignorando o aspecto tecnológico dos africanos, estigmatizando-os como inferiores, devido a uma ação externa, extra africana chamada de colonização, que ao chegar com a sua

¹ Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Geografia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). Possui mestrado em Relações internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da PUC Minas (PPGRI/PUC Minas). Possui bacharelado em Geografia pela PUC Minas.

superioridade tecnológica bélica, métodos idealizados em via própria, fizeram tudo para importar seus modos de vida, preparando o terreno para a implantação da tradição europeia.

O objetivo deste artigo é apresentar o traço heroico de um Quilombismo² secular presente no fazer cultural/escolar por meio da oralidade africana. Para tanto, utilizaremos como pano de fundo de nossa narrativa, a comunidade quilombola³ do Mato do Tição⁴, que dista 100 km de Belo Horizonte estando inserido em sua região metropolitana.

MÉTODOS

Sendo escravizados, oprimidos e arrancados de suas terras, os africanos chegaram ao Brasil e com eles a força da tradição oral. Por meio das narrativas orais eles não somente falavam, mas transmitiam toda a sabedoria acumulada de geração a geração, aconselhavam, meditavam e acima de tudo evocavam a memória coletiva produzindo assim cultura por meio da palavra falada, encenada, tocada no tambor ou mesmo silenciada pela oportunista violência social.

A própria prática da tradição oral tornou-se resistência aos processos de colonização. O conjunto de características mencionadas, a sua possibilidade de prática combativa à opressão, e a sua atuação na constituição humana das pessoas são referências fundamentais que cruzaram o Atlântico para embasar a tradição oral de matriz africana no Brasil (BARROS; PEQUENO; PEDERIVA, 2018, p.7).

Hampaté Bâ (2010) ressalta que a palavra é algo intrínseco ao próprio homem, afirmando assim que nas civilizações orais a palavra compromete o homem, sendo ela o próprio homem. Por isso, o respeito profundo pelas narrativas tradicionais revisitadas no passado, onde a trama permanece imutável pelo ornamento poético veiculada na memória prodigiosa, característica própria dos povos de tradição oral.

Aqui podemos afirmar e várias foram as lutas e apresentações de resistência no Brasil, do momento da formação escravista em que surgiram os quilombos, até o tempo presente, não é preciso dizer que a voz retumbante contra o racismo ainda ecoa, podemos destacar a dança, a música, na contação de histórias, na organização social dos quilombos, porém, tanto em Matição como em tantos outros quilombos a organização escolar ainda não encontra uma feição específica.

A ESCOLA E A EVOLUÇÃO DAS “AFRICANIDADES”

A chegada da lei 10.639, como mecanismo legal que alterou a Lei 9394/1996, e por conseguinte a lei 11.645/08 modificadora da agora antiga 10.639/03, é a prova de que as lutas

² Aqui, o Quilombismo como em Abdias Nascimento indica uma posição de resistência organizada interior e exteriormente.

³ Mato do tição ou pela aglutinação de palavras mais conhecida localmente como “Matição”

⁴ Quilombo reconhecido pela Fundação Palmares (1988)

podem render parciais frutos, hoje é garantido ao quilombola, e porque não a todos os brasileiros, estudar a história dos povos indígenas, dos afro-brasileiros e da África. Uma vez que as mesmas temáticas foram incluídas no currículo escolar da Educação Básica brasileira.

A Lei 11.645/08, fruto da 10.639, de 09 de janeiro de 2003, efetiva as diretrizes e bases da educação nacional, no currículo oficial da rede de ensino, Currículo Nacional Comum, a mudança foi a prova de que as conquistas são gregárias e estruturantes. Agora, a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira dá as mãos ao ensino da Cultura e História dos diferentes povos indígenas.

Mas é claro que a oralidade africana como qualquer outra encontra sua catalogação acadêmica. A literatura oral por assim dizer foi classificada dessa forma de maneira pioneira na obra "Littérature orale de la Haute Bretagne", publicada em 1881, por Paul Sébillot. Em Vansina (2010) a questão da tradição oral ganha destaque em seu texto, trazendo evidência às narrativas africanas, valorizando-a como cultura transmitida de geração a geração. No citado texto é posto que para uma sociedade oral o reconhecimento da fala não é apenas um meio de comunicação cotidiana, mas uma maneira de preservação da vida e sabedoria dos ancestrais, no que se pode chamar de elocução chave que se resume em tradição oral, testemunho legado de uma geração à outra.

A escrita é uma coisa e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas ela não é o próprio saber. O saber é uma luz que está no homem. É a herança de tudo o que os ancestrais puderam conhecer e nos transmitiram em germe, assim como o baobá está potencialmente contido em sua semente", dizia Bokar (líder espiritual de Amadou Hampâté Bâ). "Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como cera virgem", diz Hampâté Bâ. (HAMPATÉ BÂ, 2003).

O testemunho citado por Vansina (2010) como manifestação cultural dos africanos não era mediado pela escrita, mas mantido pela força e poder da palavra, que é vívida, complexa, refletida e vivenciada pela memória coletiva. Essa força e poder eram garantidos pela reflexão equilibrada entre o tempo e o silêncio. Tempo de entender os momentos oportunos, de dizer ou não a palavra que não era solitária, mas resultado de trocas dialógicas entre as gerações. Dessa maneira, muitas comunidades africanas transmitiam e construía saberes por meio da oralidade, pois ela não é inferior a escrita, ambas têm seu valor e suas peculiaridades. Enquanto a escrita registra, fotografam fatos, ações e construções de um grupo.

[...] o do restabelecimento do diálogo, rompendo-se o monólogo até então instituído, que trazia por referencial o falar e o fazer escolar com base em um único valor civilizatório. A lei, portanto, rompe com a ideia de subordinação racial no campo das idéias e das práticas educacionais, e propõe desconceituar, pela escola, o negro, seus valores e as relações raciais na educação e na sociedade brasileira. (ROMÃO, 2005 p.12).

Quando os europeus chegaram às terras africanas, eles romperam a tradição oral oprimindo e escravizando os africanos, tomando suas terras e escravizando-os. No texto A

educação tradicional africana, Hampatê Bâ (2010) também discutiu sobre esse assunto informando que a invasão externa europeia fez de tudo para sua superioridade tecnológica aos africanos, estigmatizando-os como inferiores, devido a uma ação externa, extra africana chamada de colonização, que ao chegar com sua superioridade tecnológica, métodos idealizados em via própria, fizeram de tudo para importar seus modos de vida aos africanos, preparando o terreno para a implantação da tradição europeia.

o ensinamento que há mantido o relato durante séculos, nas distantes aldeias de África Ocidental, pode também ser recebido, entendido e interpretado por ouvidos muito distintos daqueles a que estavam destinados no princípio. E assim, o conto segue cumprindo a missão que lhe foi encomendada. O conto segue sendo, então, um transmissor de valores tradicionais que, ademais, devem ser descobertos por entre os rodeios da história e adaptados à realidade que se vive. A cada um sua missão, a cada qual, sua tarefa. Mas, “de um e outro lado do mar de areia” os homens e as mulheres não são, afinal de contas, tão distintos”! (AGBOTON, 2004, p. 12-13).

As ditas “ações afirmativas” são louváveis. Não há críticas à lei ou às consequências dela. Todavia, mas é preciso pensar em ampliação da conscientização de certos pontos e importância deste tópico na efetiva estruturação dos currículos. No cotidiano escolar estabelecer cotidianamente relações reflexivas ainda é um desafio. No que tange a relação docente, estruturador real do que é posto para o ensino, e discente, é possível insuflar ações que prevaleçam a formação e identificação identitária o respeito, a equidade, a justiça, a dignidade social, a democracia racial, tudo isso atuando como base para autoidentificação e priorização da história local. Práticas de oralidade, e interação participativa possibilitam posturas reflexivas nas quais a *Griotagem* ganha centralidade.

DISCUSSÃO

Se o indivíduo ouve as histórias de povos ancestrais com os quais se identifica, não nos parece muito complexo que imediatamente a formação identitária seja estimulada. Na oralidade escolar o indivíduo não só recebe instrução, ele se encontra como agente do presente e da história. Observe, “Em primeiro lugar, é importante esclarecer que ser negro no Brasil não se limita às características físicas. Trata-se, também, de uma escolha política”. (BRASIL, 2004. p. 16).

O que percebemos hoje são ações pontuais em africanidades. Não pode mais ser permitido à comunidade escolar improvisar sobre a temática étnico-racial. Mais do que nunca, ou como sempre, é urgente que amplie entre os responsáveis a prática do ensino dessas temáticas o reflexo disso e a dissolução de uma mentalidade racista, fruto do desconhecimento ou esmaecimento da autopercepção. Não se pode ser admitida ainda hoje que sejam latentes as sequelas geradas pela escravização, a prática cotidiana de inserção de história da África atua por esmaecer o etnocentrismo europeu.

O professor é o centro da solução, com o aluno centro do processo. Dessa forma, ainda em espaços quilombolas em que não existam escolas quilombolas e sai as ditas como

“tradicionais” o processo ainda pode ser fecundo. Tudo isso significa apresentar que as anteriormente pontuadas não atenuam mas, tratam de um processo histórico de inferiorização. Assim, o docente trabalha para cumprir não somente a lei mais seu proposto ético de diminuir a inferiorização de alunos afro-brasileiros, e a promoção de consciência e num posicionamento justo e igual. (BRASIL, 2004).

Ainda em Hampatê Bâ (2010), discute-se a proposta de um olhar mais atento sobre uma educação tradicional africana. Sem se esquivar do tema e propondo a intensificação da percepção da questão, quando Hampatê Bâ lança tal proposta um olhar mais atento sobre Uma educação tradicional africana o centro do posto encontra-se em “olhar mais atento”. Ora, uma vez que a resistência (ou teimosia) nos fez sobreviver, a astúcia e o mimetismo, travestidos de resiliência permitiram que ensinássemos aos próximos nosso modo de vida, história e cultura, o que se faz necessário a muito é melhorar o foco e compreender como isso foi possível e o que foi feito. Pois todo o restante, por ser cotidiano, já encontra em si brilho e lugar na história.

É pertinente salientar que em África os ofícios, como os povos Banto e Mina, não eram aprendidos em escolas. Os saberes técnicos para o desenvolvimento de determinadas funções do cotidiano laboral eram passados no cotidiano da lida. Nesse sentido quem ensina na prática, seja o mais específico dos ofícios sejam os mais gerais são aprendidas com os mais velhos convivas.

Talvez por isso, seja importante destacar que não só a história ancestral era passada pela poderosa palavra. Sem a utilização de livros, salas de aula, oficinas ou laboratórios ensinar era pela oralidade pujante.

Por meio de uma relação dialética onde quem fala (ensina), e, outro não passivo, mas vivo que escuta e observa (aprende), a vida se perpetuava e porque não se mantinha em movimento. Não é demais afirmar que num contexto de sociedade viva o saber, que também é vivo tornava a oralidade uma energia vital. Seja na transmissão de hábitos morais, seja na obtenção de um produto ou transmissão histórica todos eram sujeitos do processo. Quem fala não é passivo, quem ouve o faz de modo participativo e o que é dito também não é objeto por completo.

[...] o ensinamento não é sistemático, mas ligado às circunstâncias da vida. Este modo de proceder pode parecer caótico, mas, em verdade, é prático e muito vivo. A cada lição dada na ocasião de certo acontecimento ou experiência fica profundamente gravada na memória da criança (HAMPATÉ BÂ, 2010 p. 183).

Métodos concebidos por iniciativa própria fizeram tudo o que podiam para resistir cotidianamente enquanto os europeus tentavam impor seu modo de vida a todos.

A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NA EDUCAÇÃO

Hampaté Bâ (2010) discorre em seu trabalho sobre a grande distância entre a educação ocidental, passiva e engessada, e a educação africana orientada pela tradição oral. É comum em sua obra perceber a diferença pela força do saber oral com foco na aplicabilidade imediata do que é apreendido.

Pode-se dizer que o ofício, ou a atividade tradicional, esculpe o ser do homem. Toda a diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser. Os instrumentos ou as ferramentas de um ofício materializam as Palavras sagradas; o contato de aprendiz com o ofício o obriga a viver a Palavra a cada gesto. (HAMPATÉ BÂ, 2010 p. 190).

Resistir é nato. Quando ainda hoje, um jovem caminha duas léguas para ir a uma escola “na rua”, afastando-se fisicamente da comunidade do “Matição” e lá junto a outros da mesma idade, ele tem contato com o modo escolar do capitalismo industrial, e é ensinado nos padrões cristãos eurocêntricos, não se registra uma substituição ou sobreposição histórica. Quantas vezes na comunidade, no meio de uma roda de conversa, o que a professora disse sobre o escrito nos livros é vivido e sentido no meio da repetição de histórias ancestrais, sem que os demais alunos ditos “da cidade” tenham ciência de tal pertinência dos fatos.

"Ia cacundê iauê"
"Oi, ia cacundê iauê.
Ia qué carcaná na boa lua ...
Carnaúva de berajé
Ia cacundê iauê."
(Candombe/Mato do Tição)

O que parece simples para um garoto ou garota do quilombo do Matição pode parecer estrangeiro para muitos. E de fato o é. Ainda hoje caminhando por entre os jovens podemos perceber “escorregadas” em diálogos com palavras comuns entre eles não constantes em dicionários tradicionais. Sérgio Santos em seu disco *Áfrico* (2002) apresenta parte dessa linguagem mascarada dos quilombolas.

Galanga Chico Rei
Ganga
Galanga era Ganga
De jaga e Catanga,
Quebrava com anga
Cafife e cafanga,
Galanga era Ganga...

O Rei do Reino do Congo foi Aluquene
Muene-Congo
O seu fundador, seu rei imortal.
Senhor dos Jibas, dos Dembos e dos Engombes
E dos Mulumbos
Do Congo era Ganga, era o Rei Geral.
Senhor de Angola, Benguela, Canga, Cabinda
Tanga, Calinda, Malembo, Matamba, Dunga-tará,

Soba dos Matambulas,
Dos reinos de aquém e de além-mar

Galanga vinha do sangue de Aluquene
Ganga-Muene
Macota-Babá da Casa Real.

O Capitão-Comandante da Guerra Preta
De Maramara
O grã-lutador, o Rei maioral.
Muzungo veio e Galanga foi no tumbeiro
Pro cativoiro,
Deixando o sagrado Congo para trás,
Mas rei de Zâmbi-Apongo
É rei onde chega, Obá dos Obás

Foi assim, hoje eu sei
Que nasceu Chico-Rei
Rei da África e Rei das Minas Gerais!
(Santos, 2002)

A tradição oral se fundamenta na memória. A lembrança dos registros históricos que fica guardada na mente, e a memória de quem recebe tal tradição como ensinamento é o que mantém viva a tradição. Hampete Bâ (2010, p. 207) sobrepõe o seguinte: “Entre todos os povos do mundo, constatou-se que os que não escreviam possuíam uma memória mais desenvolvida.” Isso está relacionado ao fato da atenção que é dada a quem narra e a importância atribuída à tradição que permeia a narrativa.

o ensinamento que há mantido o relato durante séculos, nas distantes aldeias de África Ocidental, pode também ser recebido, entendido e interpretado por ouvidos muito distintos daqueles a que estavam destinados no princípio. E assim, o conto segue cumprindo a missão que lhe foi encomendada. O conto segue sendo, então, um transmissor de valores tradicionais que, ademais, devem ser descobertos por entre os rodeios da história e adaptados à realidade que se vive. A cada um sua missão, a cada qual, sua tarefa. Mas, “de um e outro lado do mar de areia” os homens e as mulheres não são, afinal de contas, tão distintos”! (AGBOTON, 2004, p. 12-13).

Nesse sentido, a escola desempenha um papel crítico na formação de identidades, no desmantelamento de paradigmas preconcebidos e racistas e na integração de renegados em diversos espaços sociais e culturais. O ensino de história e cultura afrodescendente acontece nesse cenário pautado no respeito à diversidade e deve se estabelecer como um importante meio de conscientização e resistência. Valorizar as matrizes africanas e os conteúdos sobre “[...] a luta dos negros no Brasil, a cultura negra e o negro na formação da sociedade nacional brasileira, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômicas e políticas pertinentes à História do Brasil” Brasil” (BRASIL, 2003, pág. 1)

CONCLUSÕES

Com base nisso, afirmamos que a escola, torna-se um também um espaço de resistência, reafirmação e, sobretudo enfrentamento de uma tentativa de apagamento histórico. A chegada sobretudo de Leis, Romão (2005), é bastante favorável para “conhecer a história da educação do negro brasileiro, em seus aspectos de exclusão, resistência e inclusão, com o exercício de seus direitos. A história da educação do negro é a história de um conjunto de fenômenos” (p. 12). Porém essa ação está condicionada ao consciente do docente e das “organizações” do curriculum verdadeiro. De maneira direta, a Lei indica o estudo da História de África, mas a efetivação está condicionada ao docente.

O conhecimento africano é um conhecimento global, um conhecimento vivo. É por isso que os anciãos, os últimos depositários desse conhecimento, podem ser comparados a vastas bibliotecas, das quais as múltiplas prateleiras estão ligadas entre si por relações invisíveis que constituem precisamente esta "ciência do invisível", autenticada pelas correntes de transmissão iniciática (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 210).

Por meio da oralidade, a tradição e o modo de ensinar africano e agora africanizado sobreviveram a diáspora. A educação encontrou escudo no sincretismo, no mimetismo social e no silêncio do contato com o branco. Todavia, tradição oral é, de modo irrefutável semente da resistência plantada na diáspora e frondosa nos dias de hoje.

Um dos fatores que protegem tudo isso seja na escola dita “convencional”, seja nas escolas quilombolas é sua força de transmissão. A força divina da palavra é traço comum desde a savana até o extremo sul do continente. Por meio da palavra dita muito (ou tudo) pode ser construído. Griots não possuem poderes mágicos, porém os mesmo eram acessados, numa roda de conversa, ao pé de uma árvore, sob a luz de uma fogueira. HAMPATÉ BÂ, 2010 ensina que por ser poderosa e conseguir alterar o curso do mundo, a palavra falada deve ser usada com parcimônia e comedimento.

Hampaté Bâ (2010) diz sobre a complexidade da história na África, capaz de articular vários saberes interdisciplinares, transversais e universais, afirmando que:

Na África, tudo é História. A grande História da vida comporta seções que serão, por exemplo: a história das terras e das águas (a geografia), a história dos vegetais (a botânica e a farmacopéia), a história dos "filhos do seio da terra" (a mineralogia), a história dos astros (astronomia, astrologia) etc. Estes conhecimentos são sempre concretos e dão lugar a utilizações práticas. Na ordem dos conhecimentos, começase "por baixo", pelos seres e as coisas menos desenvolvidas ou menos animadas em relação ao homem, para "subir" até o homem. (p.184).

Na palavra fala pelos Griots, muitos se expressam. A educação ecoa e os corações ouvem. O mundo muda e todos mudam. A palavra do Griot é a voz que nunca está sozinha, e por ser polifônica educa a muitos.

REFERÊNCIAS

AGBOTON, Agnès. **Na mitón: la mujer en los cuentos y leyendas africanos**. Barcelona, RBA Libros, 2004 p. 141-4

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. Trad. Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo, Palas Athena/Casa das Áfricas, 2003.

BÂ, Amadou Hampaté, A. (2010) Tradição Viva In. **História geral da África, In: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO. Capítulo 8, p. 167. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249por.pdf>> acessado em: nov. 2019.

BARROS, Daniela; PEQUENO, Saulo; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **Educação pela tradição oral de matriz Africana no Brasil: Ancestralidade, resistência e constituição humana**. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 26(91), 2018.

BOSSCHÈRE, Guy de. **De la tradicion oral a la literaura**. Seleção e tradução de Rodolfo Alonso. Buenos Aires, Rodolfo Alonso Editor, 1973. ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. São Paulo, Papirus, 1998.

Brasil. (2004). **Resolução n. 1, de 17 de junho de 2004**. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>. Acesso em: mar/2022.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. São Paulo, Papirus, 1998.

PADILHA, Laura & RIBEIRO, Margarida Calafate. **Lendo Angola**. Porto, Edições Afrontamento, 2008.

ROSA, Luciano Caetano da. **A oratura no espaço da lusofonia africana**. In: Lusographie, lusophonie (v. 1). Colloque International Université Rennes 2 – Département de Portugais. , 28, 29, 30 Septembre 1994. pp.140-47.

VERGER, Pierre. **A contribuição especial das mulheres ao candomblé do Brasil**. In: Culturas africanas. São Luís do Maranhão, UNESCO, 1986. ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo, Cia. das Letras, 1993.